

# Memórias de práticas e ideias poéticas

## ENTREVISTA: A NOEMIA DE ARAÚJO VARELLA

Realizada na Escolinha de Arte do Recife em 25 de Julho de 2003

*Por: Maria Betânia e Silva*

No ano de 2003 estava realizando meus estudos de Mestrado e, simultaneamente, trabalhava como professora de arte na rede pública e privada da cidade do Recife. Lecionava em 30 turmas de adolescentes, jovens e adultos. O salário que recebia somando as duas instituições resultava no final do mês em R\$800. Valor que por si só responde às regalias que o atual Ministro da Educação (2016) disse ter os professores neste país. Não tive redução de carga horária porque a Secretaria de Educação não autorizou. Não tive bolsa de estudo. Mesmo assim, consegui concluir o curso antes do tempo previsto e dos colegas de turma. Queria estudar mais para melhorar o meu trabalho com os estudantes. Por isso, me submeti ao processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Educação porque não havia em Arte, em toda a região Nordeste, fator que também explicita a longa trajetória de desigualdade no Brasil.

A pesquisa que desenvolvi tinha como objetivo central investigar como se deu a inserção da arte no currículo escolar, especificamente, em Pernambuco. O estudo está situado no campo da História das Disciplinas Escolares e da História do Ensino. Escolhi os anos 50 aos 80 do século XX por contemplar um período antes e após a Reforma Educacional de 1971 que tornou obrigatório, em todo o currículo nacional, o ensino da Educação Artística. Durante a pesquisa detectei algumas instâncias que foram fundamentais para a estruturação, organização e veiculação da arte e seu ensino no estado de Pernambuco. Foram também lugares de aproximação e reunião dos profissionais que trabalhavam na área. Um desses lugares foi a Escolinha de Arte do Recife. Nela encontrei uma professora do grupo dos fundadores que atuava ainda na instituição. Noemia de Araújo Varella que, à época, tinha 86 anos e se disponibilizou a responder alguns questionamentos que possuía e outros que se originaram no próprio desenvolvimento da pesquisa.

Realizei uma entrevista com ela no dia 25 de Julho do ano de 2003 no interior da Escolinha de Arte do Recife, localizada na Rua do Cupim, bairro das Graças. A entrevista durou cerca de duas horas. Naquele dia a Escolinha estava repleta de crianças. Todo o espaço explicitava arte.

Sentamos à mesa no centro de uma grande sala que tinha uma enorme estante

cheia de obras de arte popular. A luz amarelada refletia naquele olhar forte, bondoso e atento daquela senhora que tinha seus cabelos todos brancos, mas presos de forma muito harmoniosa. Ali ela dedicou parte do seu tempo para estar comigo e me ajudar a entender que lugar era aquele que movia sua vida e que papel aquele lugar exerceu no ensino de arte e na história do ensino de arte, especialmente, em Pernambuco.

Noemia de Araújo Varella nasceu no dia 01 de Janeiro de 1917, no Rio Grande do Norte, mas cresceu em Pernambuco. Nas décadas de 40 e 50, do século XX, foi professora e diretora da Escola Ulysses Pernambucano, em Recife. Em 1953 fundou, junto com um grupo de educadores e artistas, a Escolinha de Arte do Recife. Ali, trabalhou até seus quase 90 anos. Faleceu no dia 08 de Maio de 2016, aos 99 anos.

A entrevista realizada encontra-se na íntegra e é publicada de forma inédita. Optamos por deixar todas as expressões coloquiais e interrupções ocorridas durante o diálogo.

**Betânia:** A Escolinha de Arte quando nasceu tinha como um de seus objetivos valorizar a livre-expressão, não é isso? Como isso acontecia?

**Noemia:** Deixa eu tomar nota da pergunta. Isso implica uma sequência de colocações históricas que eu terei, farei o possível para reduzir e dar de forma direta. Quando a Escolinha de Arte começou foi puro interesse de artistas que apoiaram o que fez Augusto Rodrigues e Lúcia Alencastro Valentim, você tem esses nomes, não é? Mas, eu tô repetindo, é. Mas, quando ambos começaram na Biblioteca Castro Alves, no recanto que lhes foi dado para trabalhar, eles nunca pensaram que seria o princípio do princípio para algo que cresceria além dos seus sonhos. Eu conto isso porque às vezes ouvi ambos falarem com toda simplicidade daquilo que haviam começado como uma experiência que estavam fazendo e que viram crescer e se sentiram, como se diz, voltados a tal ponto para a experiência iniciada que esqueceram de seus afazeres. Um como artista, jornalista que ia pro jornal, a pulso, porque não queria abandonar aquela coisa que ia fazendo. Ia pela madrugada porque jornalista trabalha muito pela madrugada, mas ele chegava na Escolinha cedo 10h, 11h e ficava até a Escolinha fechar às 18h e quando havia os cursos depois, até 20h quando as aulas se estendiam, quando os cursos eram para os adultos. Alguns anos depois, mais tempo depois. Inicialmente, começou um trabalho com crianças e adolescentes e começou assim numa área pequena com um grupo interessado e teve o apoio de personalidades que visitavam a Escolinha. Um momento, Bruna chega aqui meu bem (nesse momento, uma criança que está em aula na Escolinha aproxima-se e quer saber quem sou eu e o que faço ali).

Eu tava falando que Augusto começou a Escolinha, não foi? Já fiz uma síntese, não é? Ele estava todo voltado para a livre-expressão da criança, dava um sentido e importância ao fazer criativo da criança, sem interferência do adulto. Desenhava, pintava, mas no cotidiano da experiência que ele ia fazendo, eles compreenderam, Lúcia, Augusto, outros professores, aqueles que foram chegando e foram ficando encantados com a experiência que a presença do educador, do arte-educador, hoje chamamos arte-educador, a presen-

ça do professor de arte, eu digo com ênfase a presença do artista é fundamental à escola onde a criança trabalha se expressando pela arte. Assim, um plano que cresceu e aprofundou. Lúcia, Augusto, Linda Lima, de Minas Gerais, pra falar em outros professores, aqueles que chegavam de outros Estados se apercebiam da experiência. Lúcia Alencastro era do Rio Grande do Sul, Augusto de Pernambuco, ambos no Rio de Janeiro. Quer dizer, era um grupo de pessoas que trazia elementos de seus Estados, levava para a própria experiência que tavam fazendo. Ao lado da experiência de Augusto, no mesmo prédio onde funcionava, no centro da cidade, perto do antigo Ministério da Educação, eu estou sem saber o nome da rua exatamente, ali funcionava também serviços de Psicologia e o serviço que havia, que atendia jovens, que atendia crianças e que atendia adultos, deu muita importância ao trabalho de Augusto. Mas, não foi um fazer arte com o objetivo do desenvolvimento psicológico, foi um fazer arte com o objetivo principal dominante de abrir a mente da criança, a mente do jovem e a mente do adulto para o ato de criação. Vê se fica isso, tá? O ato de criação. E esse ato de criação, fazer, inventar, pensar a invenção, estudar a invenção, escrever sobre essa invenção que tava fazendo, levava cada educador que estagiava na Escolinha, cada professor e muitos alunos, levava todo esse grupo a compreender com mais profundidade a importância da arte no processo educativo do homem e na cultura em geral. Não era a cultura artística apenas. A cultura e todas as suas etapas. É, o cientista precisava muito de uma mente criadora voltada pra outros objetivos e outros fazeres, mas tão importante esse desenvolvimento da mente criativa terá aos nossos olhos como a do artista. Logo, verificou-se que se podia fazer pesquisas, buscas simples, pesquisa no sentido científico.

**Betânia:** Quais eram as atividades que a Escolinha...

**Noemia:** Ah! As que eu observei no início na Escolinha, vou contar um pouquinho da minha história, por exemplo. Eu me lembro que trabalhava numa escola de crianças que tinham problemas mentais. Era a Escola Ulysses Pernambucano aqui, da qual fui diretora e eu quis ver outras escolas semelhantes e fui ao Rio. Estava no campo da educação especial, psicólogas e fui levada por elas à escola de Augusto. Eu me lembro que uma das professoras me disse: aqui tem uma experiência inovadora muito interessante, você desenha e pinta deve vir ver. Aí, eu fui ver. Era a Escolinha de Arte do Brasil. A primeira visita que eu fiz fiquei deslumbrada, eu não ouvi palavra do que disse Augusto. Eu vi a aula. Meninos grandes, meninos menores naquela época trabalhavam todos juntos. Meninos pobres, meninos de classe social média, meninos de classe social mais elevada, filhos de professores, filhos de pessoas com recursos que traziam os meninos de automóvel, meninos bem simples, bem pobres que chegavam na Escolinha e todos eram aceitos e trabalhavam. Era uma sala enorme, um terraço num quarto andar, num prédio onde cedeu por empréstimo essa classe para as crianças trabalharem. No princípio era uma salinha, mas não chegou, nós nos mudamos, mudamos pra um espaço maior no centro da cidade, na Secretaria de Agricultura. O quarto andar foi cedido, foi feito um pedido

que ia ser um restaurante e transformou-se na Escolinha no local. Depois à medida que a gente foi crescendo, fomos logo, logo quando eu fui já existia aulas para adultos que queriam ver, saber, aprender aquelas técnicas e quando eu fui pro Rio, eu fiquei de ver uma experiência dessa que eu nunca tinha visto. Eu sabia, sim, Augusto ensinava, eu fui pra conhecer a Sociedade Pestalozzi do Brasil. Escola que dedicava a educação de crianças excepcionais fundada por Helena Antipoff. Mas, enquanto eu estava lá ouvi falar também, como se diz, eu ouvi falar e quis ver a experiência das crianças que trabalhavam com tinta e pincel, deficientes, e vi como era importante tudo aquilo na educação da criança da Sociedade Pestalozzi. Esses jovens maiores, então, essas coisas mínimas, essas observações, essas experiências vistas, vivenciadas me deram o sentido do que eu devia fazer na Escola Ulysses pernambucano. E eu mudei tudo. Eu criei espaço pra criança inventar, fazer arte, pintar, desenhar. É, ao lado da experiência. Sobretudo, quando entravam grandes e pequenos faziam experiências livres e depois eram integradas em classes que iam se desenvolvendo, aprendiam a ler, aprendiam a escrever, aqueles que podiam aprender a ler e escrever. Quando eu entrei lá eu fiquei tão, eu quis ir pra Escola Ulysses Pernambucano, não é? Eu pedi a minha transferência da escola experimental onde era uma professora muito querida. A família ficou zangada comigo porque eu deixava uma escola daquela onde eu era tão querida para ir para uma escola que se chamava Ulysses Pernambucano, a escola de anormais. Ela foi criada com o nome escola de anormais, é a Escola Aris Gama e de lá eu verifiquei que era um ensino onde eu podia crescer, que eu não sabia nada daquilo. Então, o meu espírito curioso, investigador começou a estudar que sentido tem a arte na educação da criança que tem problemas? Saí procurando as questões no Brasil. Fui à Argentina. Fui ao Paraguai. Tive uma oportunidade de ganhar uma bolsa e fiz um curso na Inglaterra. Fui a Portugal. Meu Deus onde, à França. Fui ver as aulas para crianças, de arte, que se fazia de um modo muito interessante. A vida toda acho, que a atitude de um professor iniciante como você é procurar. Eu vejo isso aqui. Mas, como será, por exemplo, em Portugal? Eu quis conhecer que não conhecia. Eu tive o prazer de ver essa experiência crescer de tal forma, quer dizer, fizemos congressos, fizemos reuniões, inventamos cursos. Um deles foi o curso de arte-educação, Curso Intensivo de Arte-Educação para o qual convidávamos professores de São Paulo, de Minas Gerais. Visitávamos escolas, procurávamos ver o que era importante e recebíamos alunos de todo o Brasil, da Argentina, do Paraguai, da Bolívia, do Chile.

(Naquele momento havia bastante barulho no ambiente porque as crianças estavam em horário de recreio).

**Noemia:** Mais baixinho, mais baixinho, mais baixinho, ah bom. É estão incomodando, professora, senhora professora (interrompe um momento para pedir um pouco mais de silêncio). A repercussão foi importante, jovens artistas que mais tarde foram professores notáveis como Onofre Penteado Neto que foi depois professor da Escola de Belas Artes. Eles saíam da Escola de Belas Artes e faziam estágio na Escolinha. Eles faziam curso na maioria e nós começamos a sair em alguns Estados. A experiência se ex-

pandiu muito. Por exemplo, Bahia foi um deles, Pernambuco foi um dos poucos Estados onde ficou com esta escola. Houve uma escola em Olinda, mas não vigorou muito a Escolinha de Arte de Olinda que foi fundada por Pedrosa, não sabe? Sebastião Pedrosa e por Solange Costa Lima. É, o importante sempre é que elas se constituíam núcleos onde cada professor tinha a liberdade de enriquecer sua experiência de acordo com recursos ambientais, com os interesses fundamentais daqueles que viviam naquela cidade, naquele local e também de acordo com a sua formação porque eles se sentiam que tinham que aprender mais. Que sentido tem a arte? Que significa arte? Como a arte nasceu? Como a arte se difundiu? Como o homem fez arte? Com que objetivo o homem fez arte? Com que objetivo o homem faz hoje arte? Que importância tem isso nele para a expressão criadora em função do desenvolvimento mental? Ela é fundamental, ela alarga a mente e faz a gente ver mais, ser mais sensível, não só o que é belo, mas a tudo aquilo que tem cor, textura, ritmo, o que caracteriza a arte. Respondi?

**Betânia:** Respondeu. Os professores que trabalhavam na Escolinha eram necessariamente formados na área artística ou não existia importância nisso?

**Noemia:** Não, alguns não. Alguns vinham de outras áreas, se encantavam, eu não tinha nada a ver com Educação Artística. Eu sou formada na Universidade de Pedagogia e de Pedagogia eu me interessei. Eu fazia desenho e pintura, eu estudei desenho e pintura. Desenhava e pintava, mas isso era uma atividade, como eu comecei piano. Não tinha piano e não sabia estudar piano, só na casa dos outros. Então, estudei aquilo que eu podia fazer na minha casa e também na aula. Estudei pintura, desenho em nota de 12, 13, 14, 15, 16, 17 anos quando eu encontrei a atividade criativa. Isso eu já sabia na escola. Eu já sabia misturar tintas, essas coisas todinhas. Agora isso era um caso extra meu como de outros que trabalhavam, mas a maioria não. Agora a minha sensibilidade da experiência da Escolinha de Arte do Recife, do Brasil no início, com Augusto Rodrigues e Lúcia Alencastro, foi grande por eu ter também uma vivência em arte, tá? Eu gostava de escrever, eu gostava de ler, eu gostava de muita coisa que tem sentido. Eu gostava de teatro, aí eles tinham uma experiência com o pessoal de teatro muito boa lá no Rio de Janeiro. Tinha muita gente no campo teatral que trabalhava com a Escolinha levando experiências e quando chegava da Europa, de cursos, ia e dava. Era muito rica a experiência. Augusto tinha uma facilidade de se comunicar muito grande, tanto que o professor que chegava da universidade italiana, da universidade de Paris, da universidade de Portugal, como tinha o homem que fazia, durante o carnaval, uma fantasia maravilhosamente inventiva, Augusto mandava tomar o nome dele, mandava convidar. Ele trazia a fantasia, mostrava que era assim, vestia, saía, os meninos viam. Quer dizer, as coisas, os fatos inventivos da comunidade onde a Escola vivia no Rio de Janeiro, centro da cidade, o carnaval era lá, depois foi, mudou-se um pouco mais para lá. A Escolinha de Arte era bem perto do Ministério da Educação antigo. Lindo aquele prédio novo, bonito e depois a Escolinha foi para perto da Santa Casa de Misericórdia, mais para lá, mais perto do mar. Era muito

bonito, deram o quarto andar, a gente via de longe o mar, me lembro até hoje quando Elizabeth, rainha da Inglaterra, chegou. A gente viu de longe. Era muito interessante, muito interessante. Não era um espaço muito maior, não era do tamanho dessa escola, mas era um espaço que favorecia o trabalho do atelier, nós tínhamos o atelier de madeira, atelier de pintura, trabalhávamos no terraço. O prédio tinha terraço, jardins no terraço e trabalhávamos nos jardins do terraço. Era bonito! Que mais?

**Betânia:** Se buscava também o envolvimento do professor, do educador?

**Noemia:** Ah, sim! Disse muito bem! Bem, buscava-se, buscavam, não é? O desenvolvimento do educador, do arte-educador. Sim, sim, daquele que entrava na Escolinha se facilitava que fizesse o curso para adultos. Mário Barata, um crítico de arte famoso, era casado com Tiziana Buonazzola, italiana que era artista. Era professora, foi muito tempo professora do curso para alunos maiores, adolescentes, para adultos e nesta sala estudavam pessoas maiores de 40 e maiores de 16. Era interessante. Quando eu quis desenvolver mais esta ou aquela técnica que eu via sendo dada eu também entrava e trabalhava. Começamos logo a organizar, trabalhar, sim, isso já é depois... agora já não sei dizer depressa quando foi fundada essa escola?

**Betânia:** A do Brasil?

**Noemia:** Não, essa.

**Betânia:** Essa, 53.

**Noemia:** Foi fundada em 53. Logo depois eu tive problemas de doença de família e tudo, é. Fui levada a meu pai, meu pai ficou muito doente. Eu me afastei um pouco, trabalhava menos. Então, eu fui. Fiquei muito cansada e o médico me aconselhou para que eu fizesse um recreio por um tempo. Eu fui fazer. Eu gostava, eu gosto muito do Rio, acho que é o lugar mais bonito do Brasil. Chegando ao Rio eu fui ver Pestalozzi. Fui ver os amigos. Aí, fui visitar outra vez a Escolinha. Então, com essa visita eu me encantei muito mais, me entrosei muito mais e de seis meses eu fiquei definitivamente no Rio. Espera aí, eu vou pedir silêncio porque isso não é aula, é anarquia. Eu passei a trabalhar dando uma assessoria e nessa assessoria eu assistia todas as aulas que os professores davam para os meninos, os cursos que se fazia. Era muito, muito, muito interessante. Ferreira Gullar se lembra? Ferreira Gullar não era assim naquela época como é hoje tão extrovertido, mas era uma pessoa fantástica. Ele dava (inaudível) e tudo, ele dizia eu não sei por que se vê isso. Então, vamos ver o que é arte e ele era um homem de mentalidade muitas vezes superior. Além de professor, formou-se em história da arte. Inaugurou, criou os primeiros cursos com slides. Não era como é hoje não. Era aquela lâmpada que projetava, eu comprei até um projetor não só de slides, como de fotos para a escola. Era uma beleza! A

gente botava estampas, era ótimo dar aula com auxílio daquele material. Não só mostrar slides, nem mostrar estampas, mas fazer pensar, o slide focaliza, fazer pensar o trabalho que se estava apontando. Ou seja, o ensino dá uma experiência que se realizava na África, como na África se ensinava arte e crianças num campo. A Escolinha daqui tinha trabalhos, não sei por onde anda, porque meu material está guardado ou perdido eu não sei. Depois de tudo isso, fizeram a nossa documentação das experiências. Quem é que vai orientar sua tese?

**Betânia:** Ana Galvão

**Noemia:** Então, Ana vai dizer o que é que é uma tese, como se compõe, como é, o que a introdução, tudo isso, não é? Porque eu pensei um pouco e até trouxe mostrado cadernos que tem trabalhos, trabalho desse, daquele. O desenvolvimento do educador, sim, era importante. O Rio de Janeiro tem distâncias enormes, não é? Nós tínhamos uma professora que só tinha o primário. Ela morava como daqui a Várzea. Não. Como daqui a quase Igarassu. Tinha distâncias ainda maiores. Ela aí chegava todo dia na hora, saía pegava o trem, chegava direitinho em casa e voltava. Eu tô querendo me lembrar o nome dela. Era uma pessoa admirável! Trabalhava com crianças pequenas, tinha uma paciência! Coisas assim. Estabelecia-se coisas muito grandes porque Augusto inventou um almoço onde todos os professores almoçavam juntos. Neste almoço, todas as pessoas que chegavam a comida feita. Era famoso almoçar na Escolinha, qualquer pessoa gostava de almoçar na Escolinha (risos). Nós não podíamos ter almoço pra muitos, mas pra um, dois professores que eram convidados a fazer apresentações, a dar, fazer conferência nós convidávamos pra almoçar na Escola. Muitas outras, muitas outras. Isso não é uma educação? É tanto que nessa mesa trocava ideias, trocava opiniões, falava-se espanhol porque nós brasileiros entendemos muito bem, não é? Eles é que custam a entender a nós, logo eles se entendiam e às vezes se seguia. Recebíamos um da Argentina que queria tudo menos ser professor de arte. Era estagiário. É, ele fez muitas coisas boas, menos ser professor de arte (risos). Participava das festas porque tínhamos sempre encerramento e se inventava. O centro do curso era criado pelos alunos, se vinham fantasiados de roupas longas, ele tava pronto a criar, a inventar, a fazer coisas. Era interessante. A escola era muito inventiva, muito. Não tinha muitos alunos crianças, mas tinha muitos adultos. Se fez Cursos Intensivos de Arte na Educação. Houve um ano que tivemos uns seis professores da Argentina, do Peru, e a maioria, do Uruguai, a maioria da Argentina. Da Argentina tinha uma Ada que deu muito trabalho! Era avoadada, é, é. Foi quase um ano, voltou, passou outro quase um ano. Augusto dizia que ela era inventiva, quando queria uma coisa trabalhava a cabeça, fazia, escreveu muitas coisas.

**Betânia:** Existia algum objetivo de ajudar na formação dos professores que trabalhavam nas escolas públicas?

**Noemia:** Existiu. Demos, teve o maioral da cidade, o prefeito, não é? O prefeito deu apoio total. Teve Ana Gonçalves Freitas que era uma das diretoras da escolinha. Então, os filhos foram de lá e tinha professores fazendo estágio ali. Anísio Teixeira acreditava muito na experiência de Augusto, gostava de mim também, me mandava bilhetes, tome conta de fulano e cicrano que tá interessado em arte e, assim, muitos deles, mandou muita gente. Então, em Campos, na Bahia estava ligada. Eu procurava dizer que não apressasse a universidade pelos títulos, superando-se para um trabalho mais alto que era a formação de professores, com o apoio da formação oficial, baseada numa universitária, como desdobramento das observações e estudos. Esse estudo, essa análise eu tô falando do meu tempo. Muita coisa da família Conde, todos trabalhavam, o conde era do Conservatório Brasileiro de Música, todos trabalhavam até às nove da noite. Eu trabalhei sem parar. Eu tenho uma saudade! Até hoje eles acolhem e me mandam coisas desse Conservatório Brasileiro de Música. Fazíamos estágios.

**Betânia:** A senhora disse que existia essa preocupação de formar, de contribuir na formação dos educadores também nas escolas públicas.

**Noemia:** É, é, incentivando a formação de graduação e também a frequência à Escolinha, aos seus cursos porque sempre tinha cursos novos. Tinham escolas especiais no Rio Grande com experiências oficiais, do governo do Estado.

**Betânia:** A Escolinha não era governamental, não é? Nunca foi. Como é que acontecia essa relação?

**Noemia:** Não, não era governamental. Era uma sociedade civil sem fins lucrativos.

**Betânia:** Ela teve alguma influência porque quando ocorreu a Reforma Educacional de 71 a arte foi incluída no currículo escolar. O Movimento Escolinhas de Arte teve algum papel?

**Noemia:** Ah, sim! Foi incluída. Teve. Demos cursos. Preparamos muita gente, mas é interessante que a gente pensava que ia, realmente, melhorar o nível do ensino de arte. Melhorou? Em certo sentido ele penetrou nos programas, faz parte, porque antigamente nem existia na escola arte da forma que a gente pensava assim. Mas, na medida do possível de uma educação estética enriquecida e atualizada acrescentando experiências que elevasse o nível do professor, isso não aconteceu até hoje. Os cursos universitários deixam a desejar, o seu deixa? Faz, talvez, falta instituições que possam apresentar curso com dinâmicas novas, com propostas novas de desenvolvimento científico do processo de uma educação pela arte. Uma metodologia, não é? Então, isso agente sente falta. Então, hoje eu ouço a queixa, mas não dão tanto valor ao professor de arte. Não é o outro que tem que dar valor, é cada professor de arte se valorizar. Pedrosa é um exemplo. Se ele não

se valorizasse quem iria valorizá-lo? Quem ia valorizar Rosa, Rosa da Universidade, se ela não tivesse a força de mostrar a experiência, de inventar aquelas classes de crianças. Quer dizer, quem faz, quem se faz um arte-educador criativo é cada arte-educador. Não é a escola que mantém o nível, ele tem que sair compreendendo a sua função, mas não é ali que ele vai ficar. Ele vai ficar envelhecido e corcunda porque não levou um empurrão, ele vai erguer-se, caminhar na ponta dos pés, dando pulos e saltos e crescer sempre. Até hoje eu estudo. Eu tô agarrada com esses livros. É, ando com livros. Esse de orientações sobre artes que foi escrito por Fernando Azevedo, professor. Ele traz experiências e tem uma bibliografia. Eu sempre busco inovações, eu não me contento com o que tenho. Vê esse livro de Jomard Muniz de Britto, você leu?

**Betânia:** Não.

**Noemia:** Atentados Poéticos. É um livro de poesia. Esse livro me inspirou programação de um curso que eu chamo Atentados Poéticos em Educação, tá programado de agosto a novembro. Programa do curso Atentados Poéticos a Educação Poética. Então, algumas pessoas estão tão bitoladas que leem e não entendem. Ô gente, o que é uma educação poética? Quando eu falo poesis não é poesia, não é? É o que nasce de um ato de criação. Daí, a importância do ato de criação. Organizado pela Escolinha etc., etc., etc. Aí vem a coordenação geral Solange e eu, o enfoque principal do curso eu acho que é arte-educação, teorizações, análises e ensino estético. Veja bem, a Escolinha de Arte não se preocupa com isso? Tem fundamento? Tem. A gente não pode trabalhar sem fundamentar-se. É um curso de extensão destinado aqueles que se interessam, trabalham no campo da educação, no campo da arte e na cultura e da cultura. Aqui, em geral, não é? Artistas, educadores, terapeutas, professores de estética, história da arte e outros. A coordenação geral é comigo, o consultor é Jomard Muniz de Britto, que foi inspirado no verso dele daqui. Assessores Sebastião e Fernando Azevedo. Ambos. Fernando foi fazer as teses dele, os trabalhos dele, só faltava me matar, tá? A Escolinha de Arte fundada aos seis de março por artistas e educadores, caracteriza-se pelo seu cunho acultural, aberta as crianças que estudam em diferentes âmbitos da arte. (Ela lê todo o programa do curso).

E aqui tem a formação, o desenvolvimento do programa, indagações iniciais e testemunhos pelos participantes do curso. Existem algumas indagações que os alunos terão que acrescentar muitas porque essas não são as nossas. É a educação poética necessária à educação em geral? É uma educação pele e osso, não é? Que caracteriza o que se faz, que sabemos estar sendo realizado nas escolas? A pelezinha é fraca e osso quebra com qualquer coisa. Como é caracterizada a educação poética que já vem sendo praticada? Quem faz arte com paixão? Tem aqui uma ficha com paixão. Quem educa com paixão? Fala-se muito que em educação não há paixão. Nós afirmamos que há paixão. Sem paixão não se educa. Educação e paixão como se harmonizam em nossas vidas? Quem é que não teve esses pedacinhos, quem não teve amor em vida, não é mesmo, em graus diferentes? Palestras e debates, aqui tem pessoas nossas, professoras antigas. Expressões criativas

vividas na escola, estudos de caso. O corpo docente eu sacudi nomes, consultei a maioria, não consultei todos ainda, mas vou botar, quem não puder não vem. Aqui, vamos ver se tem conhecidos seus. Ana Lisboa, Ana Mae, Bete Gouveia. Ana Mae tá com muitos problemas. Cleonice, Carlos Bartolomeu, Eduardo Frota. Ele fez todos os cursos da Escolinha de Arte do Brasil. Ele foi para o Benetti, Colégio Benetti. Fez o curso superior à minha orientação, se formou, fez estágio como professor do Benetti, voltou pro Ceará. Ele tinha uma força de caráter, montou um atelier, fez uma exposição muito bonita. Um artista com exposições é conhecido, viajado. Hoje é um senhor artista, capaz de compreender o que é a arte, o que é desenho, o que é pintura. Então, eu botei Gil Vicente, Jomard Muniz, João Bergues, pessoas que eu convivo, Margot Monteiro, como artista rica. É bom a gente saber como uma mulher bonita, rica, tão delicada se transforma em artista, será que transforma? Maria do Carmo Nino, ela se transforma, é uma boa pessoa, Maria Edith Costa Lima, família Lima, Marly Motta, sabe quem é?

**Betânia:** Não.

**Noemia:** Mulher de Mauro Motta, poeta. Um dos grandes apoios aqui. Essa atual diretoria, a última diretoria, Mauro Motta era presidente eu era Diretora Técnica. Moacir dos Anjos, eu Noemia, Paulo. Essa é uma pessoa que falaram muito bem dele Paulo Fontai da Universidade. Sebastião Pedrosa, Solange Antunes, Tereza Lins de Albuquerque acompanha a experiência da Escolinha. Ana Granja que é uma artista muito boa e tem as visitas as exposições, ao instituto, ao departamento de arte e expressão artística da Universidade, não tem esse departamento lá?

**Betânia:** Tem sim.

**Noemia:** Nós vamos lá e a escola arco-íris que é um complemento onde se faz uma experiência. E passeios estéticos visando registrar aspectos do Recife poético e de outras cidades notáveis do país, pode ser? Essas cidades notáveis é Igarassu e Olinda. São cidades bem próximas, se a gente puder vai à Paraíba. Aliás, o curso tá baratíssimo, mas a gente não pode pedir mais porque em Pernambuco se é pobre. Então, R\$300 total com toda a carga horária, tudo isso, a gente fazendo mil coisas. Conhecimentos básicos sobre o curso, as raízes porque veio isso que, geralmente, fazem que não tem um fim. Tem interesses, mas para proporcionar mudanças! Esse é um curso pensado a partir da preocupação, que tem até pessoas que não são da escolinha, sobre o que é arte na vida. Sandro Coelho que tem uma preocupação muito grande, aqui ele fez uma crítica porque ele encontra uma carência numérica de pesquisadores e professores, inclusive dos professores dos cursos primários, bem preparados para apreender o contexto social da região onde ensinam como a sociedade moderna exige. Ele diz que o professor não conhece e que ensina, vive coisas. Cada vez mais, os profissionais, é preciso, que ensinem o conhecimento tecnológico e científico porque a sociedade moderna exige cada vez mais de seus

profissionais. Nossa atual diretoria, um advogado que foi indicado, Fernando Gonçalves, Andrea, arquiteta, artistas. Eu botei o nome de Ana Lisboa porque o nome Ana Elizabete Lisboa Gouveia é muito grande e esse é um texto sobre mim que eu trouxe. Às vezes as pessoas querem saber um pouco mais o que eu fui, se você quiser mandar tirar uma cópia, mandar uma pessoa. Não sei se tiraram mais de uma cópia. Se tiraram, você leva.

**Betânia:** Do seu ponto de vista, a Escolinha serviu como meio de articulação e organização dos professores na área de artes?

**Noemia:** Faça a pergunta de novo.

**Betânia:** Do seu ponto de vista, a Escolinha serviu como meio de articulação e organização dos professores na área de artes?

**Noemia:** Todas elas. Até hoje. Tem sido constante isso.

**Betânia:** Aqui em Recife?

**Noemia:** Aqui em Recife! Muitos professores. Isso eu tenho certeza. Pedrosa tenho certeza. Vá dizendo, Ana Lisboa, Fernando, Jomard é um poeta, já veio grande. Aprendeu como eu aprendi, vendo qualquer coisa, apreendeu, incorporou, mas é uma pessoa que montamos um curso a partir dele porque ele é um ser inventivo.

**Betânia:** Sempre houve a presença deles aqui, sempre foi um ponto de encontro?

**Noemia:** Sempre, sempre. Os professores da Universidade estavam aqui. Muitos de arte, do Museu de Arte Moderna. Em Minas Gerais, muitas pessoas que trabalhavam foram empurradas por Helena Antipoff. A gente trata apenas as propostas para que tomem consciência do que se faz. Eu trabalhava aqui, mas eu não deixei. Tracunhaém era um ponto que se visitava tanto quanto eu passava artesãs, artesãos. Era o contexto. Eu vi Igarassu abandonada pelo Recife. Não é esse local, não é aquele local, são todos os locais onde se possa (inaudível) de forma diferente. É, eu era professora da Universidade, trazia todos os meus alunos pra cá. A Universidade não dava todas as respostas e também não pode ser somente uma casa a mais que para sobreviver tem que ser criativa. Não existe Universidade sem criatividade.

**Betânia:** Dona Noemia, só mais uma pergunta.

**Noemia:** Não, eu quero saber se respondi.

**Betânia:** Respondeu.

**Noemia:** Ana Mae de São Paulo leu livros e mais livros e mais livros. Outros que fazem um bom trabalho, que nunca nem ouviram falar de escolinha de Arte. No Rio Grande do Sul chegou a ter 27 Escolinhas.

**Betânia:** E funcionavam as 27?

**Noemia:** Tem algumas. Porque tudo se desgasta. Tinha gente que criticava o nome Escolinha. É pequena demais, não entendia o significado. Escolinha no sentido mais amplo que foi o que a criança achou que era, que significa a casa de minha mãe, minha escolinha de boneca, minha escolinha onde eu brinco, onde eu me sinto bem. Escolinha de Arte porque era pequena no tamanho não, porque era capaz de entender muito melhor os pequenos, as crianças. Como a criança cresce e a criança se faz adolescente. A escolinha cresceu pra adolescentes e depois a escolinha se fez para adultos. Foram três passos significativos. Não deixou de ser escolinha. Todas as escolinhas começam sempre pela criança, sempre foram formadas pelo interesse deles e dos adultos também. Depois as classes para os arte-educadores, para os leigos. Sim, esses cursos não eram só para arte-educadores, faziam escritores, faziam pessoas que tinham curiosidade, faziam donas de casa. Às vezes ficavam muito preocupadas porque mudavam tanto, é. Tem uma delas que se chama Nilza, você vai ver, eu chamo Nilza Gele. Ela ficou encantada, separou-se dele por motivos, essa sua separação lhe influiu muito. Ela disse: influiu mesmo porque me fez ver que era uma mulher capaz, só vivia debaixo do cabresto, agora não quero mais. Se você não quer me ver, vamos nos separar. Eu gosto de você, você gosta de mim. Se separaram, ela arranjou outro, ele arranjou outra. Mas, ele sempre roeu por ela. Foi o primeiro grande amor. Assim ela modificou-se. Pintou, desenhou, descobriu que podia ser uma mulher livre, artista, pensante e ela era (inaudível). Até hoje é extraordinária. Houve uma pessoa notável, notável é pouco, notabilíssima. Eles não só se desenvolviam como eles se transformavam em pessoas maravilhosas. Mas, eles também cresciam como personalidade. Houve alguns que eram tidos como muralhas, se transformaram em artistas. Para Ferreira Gullar um deles é o maior artista do Brasil, não sei onde anda.

Eu trouxe alguns livros, você conhece esse livro, Carneiro Leão, pernambucano. Esse trabalho é de Amaral, Muniz Sodré famoso. Francisco Antonio Dória, leia esse livro é um prazer. Eu trouxe pra perguntar. Nós estamos numa época de informática e este livro traz o impacto cultural da informatização na sociedade atual, dá uma visão que eu acho que é muito interessante para um professor. Ele já foi escrito há muito tempo. Vejo esse livro, essencialmente, como um ensaio. Os seus autores apresentam aqui vários anos de trabalho comum, embora realizados em áreas diversas que vão da filosofia, antropologia, ciências exatas. É Fernando Vaz Costa que fez esta apresentação. Este é um caráter disciplinar, é com certeza a contribuição mais importante (lê a apresentação do livro) que a máquina e seu avesso oferece, área dominada pelo excesso do tecnicismo e especialização como área da ciência e da computação. Organiza um campo de estudos específicos

em preparação à informática, não é? Ninguém conhece Carneiro Leão aqui, Emamnuel Carneiro Leão, nascido em Olinda em 1929. Doutorou-se sob a orientação de Martin Heidegger, conhece? Desde seu retorno ao Brasil, cerca de 20 anos atrás, vem formando uma importante linhagem de pesquisadores que são capazes de pensar a prática, o dia a dia da comunicação, a partir de um enfoque existencial. É isso que você quer fazer. Se não achar, me peça emprestado para tirar a cópia, mas não é para se tirar cópia, é para comprar o livro! Márcio Tavares do Amaral que é um poeta maravilhoso. Nascido em 47, outro autor deste livro. Doutor em Letras com Pós-Doutorado na Sorbone. É o principal responsável pelo programa interdisciplinar. Olha, este livro tem quase 20 anos. Este livro é de comunicação da UERJ, onde eu ensinei também, onde se reúnem filósofos, sociólogos, antropólogos, físicos, matemáticos desde 1981. Você não era nascida, era?

**Betânia:** Era.

**Noemia:** Pequeninha. Muniz Sodré por quem eu tenho verdadeira admiração. Deve estar vivo e velho, baiano, nascido em 42. É uma distância enorme, mas nos dá-vamos muito bem, também Doutor em Letras.

**Betânia:** Do seu ponto de vista, o Movimento Escolinhas de Arte teve alguma influência para que a arte se tornasse obrigatória no currículo escolar?

**Noemia:** Ah, sim! Foi o primeiro lugar onde mostrou isso e Anísio Teixeira acreditou em nós e Anísio Teixeira, de certa forma, contribuiu para isso. Ele foi um mestre insubstituível neste Brasil no campo da formação do educador, no papel do arte-educador. A Bahia tem parabéns por ter dado ao Brasil Anísio Teixeira.

Você não me perguntou isso, mas eu vou dizer uma preocupação, o entendimento do grafismo, menino de dois anos faz, menino de quatro faz aquilo, menino de oito faz aquilo outro, de dez aquilo outro, adolescente faz isso, não sei não sei que. Isso pode ser explicado, deve ser explicado. Mas, ninguém faz programa pensando que um menino de quatro não possa chegar a trabalhar como sete pode. Então, o que é importante é se descobrir o grau de maturação perceptiva, visual e intelectual. Estudar o grafismo percebendo isso, esse grau de percepção visual e perceber como o desenho antes de ser uma reprodução dos dados perceptivos, eu tô percebendo, eu tô desenhando, tudo na infância é um sistema de escrita. É uma espécie, é uma linguagem pictorial. Ele faz coisinhas, não faz? Faz cartinhas como aquelas às vezes, tentam abordar a interpretação, gestos expressivos, particularmente, dos poéticos, meninos que às vezes vão e fazem assim e sai dançando. Isso é um gesto poético. Igualzinho ao namorado que longe passa e que dá beijos, hum? O valor projetivo ligado a atitudes de percepção, às vezes sentida que gera maneiras novas da gente estar no mundo. Tudo quanto o homem faz porque foi assim que tudo começou desde a caverna, ficou?

**Betânia:** Ficou.

**Noemia:** Ficou mesmo?

**Betânia:** Ficou mesmo.

**Noemia:** O que é projetado, olhe isso, depois de muito tempo é que você pode chegar ao outro lado. Há uma parte do desenho, do trabalho que é fundamental. Estudar. Bote aí. É importante que se estude. Uma coisa que eu lhe disse sobre o que é que é a mensagem da imagem. Esse autor, eu não sei dizer esse nome, a imagem constitui o núcleo de ação, eu tô traduzindo do francês, apresenta economias de meios que põe, que lhe confere a expressão um valor poético. A imagem, a imagem. O verso tem uma imagem, tá cansada já?

**Betânia:** Não, não me cansei.

**Noemia:** É, é uma situação plena de riquezas dos meios. Mostram as vantagens da linguagem falada, é linguagem falada e que se torna arte, não é isso? E a linguagem escrita que, pouco a pouco, plena de palavras, permite que se acene um efeito de arte superior para essa linguagem, que se acene, que se pense, que se dê uma demão, a palavra falada o que de poético tem ela? Isso é que é fundamental, será que o professor faz isso? É poeta, feito poeta e a gente tem também que descobrir que dentro de si tem uma capacidade poética, todos nós. Ótimo, maravilhoso! Escrevo seus versos, eu escrevo os meus. É preciso a gente escrever não com a preocupação da gente mostrar a alguém. Mas, escrever poeticamente. Escrever só poeticamente, amar só, viver poeticamente. Acabei.

**Betânia:** O que a Escolinha significa pra senhora?

**Noemia:** A escola é um espaço onde ponho em prática as minhas ideias poéticas.

**Betânia:** Fantástico (risos). Obrigada!